



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **Anticomunismo e lusofilia na Universidade de São Paulo. A direita acadêmica e sua aderência às universidades portuguesas: uma abordagem exploratória (1913-1988).**

Maria Gabriela S.M.C. Marinho  
Universidade Federal do ABC (UFABC)  
gabriela.marinho@ufabc.edu.br

Os vínculos entre a Universidade de São Paulo (USP) e grupos ultraconservadores que orbitaram na política brasileira ao longo do período republicano ainda são insuficientemente analisados pela literatura especializada. Nessa direção, o artigo busca analisar a trajetória e atuação de três lideranças universitárias paulistas, todas vinculadas à Universidade de São Paulo, que estabeleceram fortes vínculos - partidários ou não - com grupos ultraconservadores entre as décadas de 1920 até meados dos anos 1980. Ao lado das articulações locais, Ernesto de Souza Campos, Ernesto de Moraes Leme, Antonio Carlos Pacheco e Silva, e, em menor escala, Zeferino Vaz estabeleceram vínculos com universidades portuguesas, a partir dos quais reafirmaram compromissos políticos, ideológicos e religiosos.

Nascidos respectivamente em 1882 (Campinas), 1896 (Bragança Paulista), 1898 (São Paulo) e 1908 (São Paulo), Ernesto de Moraes Leme, Pacheco e Silva e Zeferino Vaz atuaram por décadas na Universidade de São Paulo e na Universidade de Campinas como catedráticos, diretores de faculdades ou reitores, no caso de Ernesto Leme (1951-1953) e de Zeferino Vaz (1965-1978). Souza Campos, por sua vez, foi ministro da Educação em 1946, no governo Dutra. Campos e Leme ingressaram como estudantes nas escolas que precederam a criação da USP: Souza Campos em 1913, na primeira turma da Faculdade de Medicina de São Paulo, e Leme em 1915, na Faculdade de Direito. Como reitor, Ernesto Leme interditou a docência de Oscar Niemeyer na então jovem Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP) e manteve um fluxo permanente de informações com o Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS), antecessor do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), ativo órgão da repressão durante o regime militar instituído em 1964. Organizou a vigilância a professores de esquerda, entre os quais o físico Mario Schemberg e o médico Motaury Alves, membros do Partido Comunista Brasileiro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Oriundo da sólida oligarquia paulista, neto de barões, sobrinho de Toledo Piza, embaixador brasileiro em Paris, Pacheco e Silva envolveu-se com a política partidária e foi deputado na Assembléia Constituinte em 1934, quando defendeu, entre outras plataformas, a bandeira eugênica de “aprimoramento da raça”. Foi membro da Escola Superior de Guerra (ESG). Durante o regime militar articulou-se com a Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP) e com grupos paramilitares anticomunistas. Reconhecido como um dos fundadores da Psiquiatria em São Paulo foi por décadas professor titular da área na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e também da antiga Escola Paulista de Medicina, atual Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). A documentação disponível indica que Zeferino modelou sua mentalidade científica na década de 1920, num ambiente fortemente marcado pela presença da Fundação Rockefeller na Faculdade de Medicina de São Paulo, onde se diplomou em 1931. Posteriormente, entre os anos 40 e 50, Vaz aprofundou suas articulações locais e internacionais, logrando implantar na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, com recursos da Fundação Rockefeller, padrões de ensino e pesquisa que asseguraram à instituição um patamar elevado de visibilidade acadêmica e prestígio social. Na década de 60, os mesmos pressupostos de excelência científica prevaleceram como parâmetros na implantação da Universidade Estadual de Campinas e modelaram fortemente o *ethos* institucional ali desenvolvido.

O texto aqui apresentado é uma análise preliminar de personagens da vida intelectual brasileira, cuja atuação aponta para o estabelecimento de vínculos com as universidades portuguesas em circuitos conservadores. Trata-se, contudo, de uma pesquisa em andamento e como tal os dados ainda carecem de uma sistematização mais formalizada.

### **Ernesto Leme: a inserção pelo Direito**

“Conspirei em 1964; mas não conspirarei em 1932”, afirmou Ernesto de Moraes Leme em conferência no *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* realizada em julho de 1972 e posteriormente publicada no periódico da instituição, em 1974<sup>1</sup>, registrando

---

<sup>1</sup> Segue a citação completa do parágrafo: *Conspirei em 1964; mas não conspirarei em 1932. A primeira notícia do movimento eu a tive a 8 de julho, às 6 horas da tarde, quando Waldemar Ferreira, Secretário da Justiça, foi à minha casa para prevenir-me: 'Teremos esta noite nossa hora "H". Não entrou em detalhes; e não me*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

desse modo uma das poucas manifestações públicas de seus compromissos ideológicos. Ex-reitor da Universidade de São Paulo, no período de 1951 a 1953, quando foi agraciado com o título de *doutor honoris causa* pela Universidade de Coimbra<sup>2</sup>, Leme foi também embaixador do Brasil na ONU, em 1954 e membro do Partido Democrático (PD), desde sua fundação em 1926. Deputado constituinte pelo Partido Constitucionalista (PC) na década de 1930, período no qual foi líder de Armando de Salles Oliveira na Assembléia Legislativa, tornou-se figura de destaque como um dos *notáveis* na seção paulista da União Democrática Nacional (UDN), partido pelo qual se candidatou a deputado na década de 1940 e um dos cotados para disputar a eleição como governador.

Catedrático da Faculdade de Direito no Largo São Francisco (FD-USP), ingressou como docente daquela escola em 1934. Foi o primeiro diretor da Faculdade de Economia e Administração (FEA-USP), quando de sua criação em 1946, e ocupou entre 1964 e 1965 a função de secretário de Segurança Pública de São Paulo, no governo de Adhemar de Barros, último cargo público de projeção social. Apesar da trajetória de certo relevo acadêmico e político-partidário, trata-se ainda assim de um personagem pouco estudado e relativamente desconhecido<sup>3</sup>. Ernesto Leme transitou pela vida pública durante cerca de cinco décadas, período no qual articulou alianças, projetou-se discretamente em alguns cargos de evidência, envolveu-se em disputas partidárias, acumulou honrarias e conspirou em torno de sua plataforma anticomunista. Católico militante, membro da Ordem de Cristo, Ernesto Leme figura como um dos poucos acadêmicos citados por René Armand Dreifuss em *1964: a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe*<sup>4</sup>, obra na qual o autor esquadrinha a intensa articulação anticomunista entre civis, militares, empresas e

---

*convocou para o que fosse. De sorte que só na manhã seguinte vim a conhecer, pelos jornais, o que se passara naquela noite histórica.* Conferir: Leme, Ernesto. "A Revolução Constitucionalista de 32" in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: (71): 1974.

<sup>2</sup>O título de *doutor honoris causa* pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra foi concedido em 1952. Entre as demais honrarias figuram a Medalhada Ordem Infante Dom Henrique, concedida no Brasil, entre outros, aos ex-presidentes Juscelino Kubitschek, Marechal Castelo Branco, general Ernesto Geisel e, mais recentemente, Fernando Henrique Cardoso. Entre figuras internacionais, encontram-se agraciados como o Xá Reza Pahlevi, Elena Ceausescu, Hosni Mubarak. Leme era também Cavaleiro da Ordem de Cristo.

<sup>3</sup> Consultar as dissertações de mestrado de Aparecida Casseb, Rosana Carvalho e Maria Cristina Pereira.

<sup>4</sup> Dreifuss comete um equívoco ao situá-lo como reitor da USP no período do golpe de 1964, e não da década de 1950, como efetivamente se deu.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

instituições na preparação do golpe de 1964, a partir da atuação da organização da direita e ultra-direita IPES/IBAD, da qual foi membro.

Embora a dimensão conspiratória e anticomunista de sua atuação seja um aspecto relevante e persistente de sua biografia, capaz inclusive de oferecer pistas acerca de articulações ainda pouco estudadas entre segmentos ditos liberais e antiliberais de São Paulo<sup>5</sup>, a análise de sua longa vida pública, sobretudo seu *modus operandi* na arena das negociações partidárias e institucionais, revela-se como um rico instrumento de compreensão de uma sociedade em ritmo de transição profunda, em termos locais e nacionais, como ocorreu entre meados da década de 1920 e fins dos anos 1960. Herdeiro da sedimentada cultura bacharelesca e jurídica que ao longo do século XIX se constituiu em São Paulo em torno da *Faculdade de Direito*, Ernesto Leme ingressou naquela escola, como estudante, em 1915, numa conjuntura intelectual em que o bacharelismo já vinha sendo golpeado pelos grupos profissionais em ascensão, em especial engenheiros e médicos.<sup>6</sup>

Nascido em Bragança Paulista em 1896<sup>7</sup>, procedente de uma família tradicional, porém empobrecida<sup>8</sup>, as dificuldades financeiras provocaram uma vivência fragmentada na

---

<sup>5</sup> A referência a grupos liberais e antiliberais de São Paulo segue a proposição de Maria Helena Capelato em *Arautos do liberalismo*. Para um exemplo mais específico sobre as articulações sugeridas no texto remetemos aos vínculos de Ernesto Leme com o grupo da UDN paulista a que Carlos Lacerda denominou como uma “gente muito reacionária”. A citação completa do trecho assinala: *Foi nessa ocasião que conheci Virgílio de Melo Franco. Ele teve na minha vida política uma grande influência, pois, muito jovem ainda, foi um dos articuladores da Revolução de 30, fazendo a ligação entre Minas e Rio Grande do sul. Ele gostava muito da companhia de gente moça: meu irmão, eu, Chico de Assis Barbosa, Odylo Costa Filho, etc. Nós íamos para o escritório dele e lá surgiu a UDN. Surgiu como uma conspiração. No começo ela era uma conspiração, não um partido. Depois começou a ser articulado em São Paulo, através das articulações com o Julinho [Júlio de Mesquita Filho] e com o pessoal de lá. Mas o grupo de São Paulo, do Partido Democrático, tinha aos nossos olhos um matiz muito reacionário: Valdemar Ferreira, Vicente Rao..., uma gente para o nosso gosto muito reacionária até então. A posição do Partido Democrático Paulista era muito conservadora, muito regional.* Conferir: Lacerda, Carlos. *Depoimentos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 30. Os vínculos entre Ernesto Leme, Waldemar Ferreira e Vicente Rao serão explicitados ao longo do texto.

<sup>6</sup> Para uma discussão sobre a constituição do bacharelismo, conferir: **ADORNO**(1988) As críticas, os debates e contendas dirigidas pelos grupos profissionais em ascensão, sobretudo engenheiros da então recém-criada *Escola Politécnica de São Paulo* pode ser encontrada em **NADAI** (1987).

<sup>7</sup> A Universidade São Francisco (USF), sediada em Bragança Paulista, abriga o acervo pessoal de Ernesto Leme, doado pela família. Em seu conjunto documental, o *Fundo Ernesto Leme* recobre um período que vai de meados dos anos 20 até 1986, ano de sua morte. A documentação foi doada no final da década de 1980 e depositada no Centro de Memória Regional, então ligado ao Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN) atual *Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História e História da Educação* (CDAPH-USF). A documentação, composta por cartas, bilhetes, convites, postais, memorandos, ofícios, livros, uma vasta



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

infância e adolescência e sua formação escolar se dividiu entre a cidade natal e outras localidades como São Paulo, Pirassununga e Campinas. Após algumas experiências em pequenas e grandes cidades como Rio de Janeiro, Bebedouro, Catanduva e Rio Preto, no período de 1915 e 1920 - breves e pontuais nas duas primeiras, como jornalista e professor primário e nas duas últimas, mais enraizadas, na condição de advogado<sup>9</sup> -, Ernesto Leme fixou-se definitivamente em São Paulo, em 1922. Na capital, e a partir dela, comporia, nas décadas subseqüentes, suas mais significativas articulações partidárias, acadêmicas e institucionais.<sup>10</sup>

Com origens familiares ambíguas, que ora o aproximava, ora o distanciava das oportunidades de ascensão social e prestígio, desde meados da década de 1920, e por mais de 40 anos, a trajetória de Ernesto Leme se entrecruzaria, em diferentes esferas, com lideranças do espectro ultraconservador da política brasileira. Compôs, desse modo, a “linha de frente” de uma órbita conservadora, conspiratória e anticomunista em São Paulo.

---

colecção de recortes de jornais, revistas, fotografias, cassetes, comendas, filmes, entre outros itens, foi transferida para a Universidade sem qualquer ordenamento prévio. Atualmente, parte desse material encontra-se organizado e catalogado e a consulta ao público é liberada mediante agendamento. O Fundo Ernesto Leme foi consultado para a maioria das fontes primárias aqui utilizadas.

<sup>8</sup> O sobrenome Leme guarda raízes bem urdidas na história de São Paulo - uma genealogia considerada honrosa por seus membros remete à figura do bandeirante Fernão Dias Paes Leme como um de seus mais “notáveis” ascendentes. A cidade de Bragança Paulista dista cerca de 100 km da capital e a família Leme é, ainda hoje, uma das mais prestigiadas da cidade. O recurso às “origens *quatrocentonas*” como indicativo de distinção e prestígio vem sendo apontada em diversos autores como um traço recorrente de segmentos de elite em São Paulo. Sobre o tema, consultar, por exemplo: As indicações biográficas foram retiradas em sua maioria de **LEME** (1981).

<sup>9</sup> Sobre a condição de advogado e o exercício da profissão, Ernesto Leme assim se definiu em uma passagem de suas memórias: “(...) *E assim pouco a pouco foi crescendo a minha clientela, durante cinquenta e seis anos, em que exerci a advocacia. Iniciei-me nela aos 23 anos de idade e, interrompida às vezes pelo exercício de cargos públicos, no Brasil e no estrangeiro, dela me afastei definitivamente quando completei 80 anos de idade. A ela devo especialmente os meios de subsistência que garantiram sempre vida modesta e digna, para mim e minha família.* Conferir **LEME**, Ernesto, **op. cit.**, p.110.

<sup>10</sup> Os dados biográficos foram retiradas de suas memórias (LEME:1981). O texto autobiográfico é um relato parcial, escrito tardiamente e com alguma relutância, segundo consta da própria publicação. Priorizade modo muito contido, aspectos de sua vivência familiar na infância, destaca laços de amizade e parentesco e promove, de sua ótica, alguns “acertos de conta” íntimos com afetos e desafetos, quase sempre em decorrência de algum tipo de discriminação vivida em momentos iniciais de sua carreira. Acerca de sua vida pública, das instituições que dirigiu, cargos ocupados, alianças e articulações políticas na condição de parlamentar e líder de bancada, enfim sua versão detalhada sobre “conquistas e derrotas” acumuladas por décadas, o autor impôs quase sempre o silêncio e a omissão, limitando-se a descrever episódios de modo, na maioria das vezes, impessoal. Para análises específicas, em torno de suas articulações políticas, partidárias, acadêmicas e institucionais, foi utilizada a documentação do *Fundo Ernesto Leme*, cuja descrição encontra-se detalhada no final deste projeto.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Abrigados em diferentes estruturas partidárias que ajudaram a criar e institucionalizar, tais como o Partido Democrático (PD), o Partido Constitucionalista (PC) e a União Democrática Nacional (UDN), o grupo, composto entre outros pelo ex-ministro do Estado Novo varguista, Vicente Rao, além do jurista Waldemar Ferreira e do próprio Ernesto Leme, teria um papel decisivo na articulação de uma frente política autodenominada “liberal”, que se articulou em frentes sociais distintas, retirando daí sua eficiência e longevidade. A especificidade do grupo residiria exatamente na pluralidade de vínculos, tais como o poder público, o meio empresarial, os segmentos católicos, as estruturas partidárias, as associações e entidades de classes, além de instâncias acadêmicas.

A orientação do grupo para o extremo do espectro político fica evidente no depoimento de Carlos Lacerda: “(...) conheci Virgílio de Melo Franco. Ele teve na minha vida política uma grande influência, pois, muito jovem ainda, foi um dos grandes articuladores da Revolução de 30, fazendo a ligação entre Minas e Rio do Sul. (...) Nós íamos para o escritório dele e lá surgiu a UDN. Surgiu como uma conspiração. No começo ela era uma conspiração, não era um partido. Depois começou a ser articulado em São Paulo através das ligações com o Julinho [Julio de Mesquita Filho] e com o pessoal de lá. Mas o grupo de São Paulo, do Partido Democrático, tinha aos nossos olhos um matiz muito reacionário: Waldemar Ferreira, Vicente Rao ..., uma gente para o nosso gosto muito reacionária até então. A posição do Partido Democrático Paulista era muito conservadora, muito regional.” (Lacerda, 1977: 30)

A vinculação com o aparato repressivo começou a se estruturar a partir da década de 1930 e prosseguiu até meados dos anos 1960. Nesse período, Vicente Rao, Waldemar Ferreira e Ernesto Leme estiveram em circunstâncias distintas e sob diferentes conjunturas associados ao aparelho repressivo, envolvidos por vezes de modo evidente e ostensivo com a máquina burocrática da repressão, mas também em posições furtivas e veladas. Em 1930, logo após a derrubada de Washington Luis da presidência da República, na conjuntura que antecedeu a chamada “Revolução de 30”, Rao assumiu a chefia de Polícia em São Paulo, enquanto Waldemar foi designado Secretário de Justiça.

Mais adiante, a atuação de Vicente Rao no Ministério da Justiça no governo de Getúlio Vargas, entre 1934 e 1937, estaria associada ao crescente fechamento político que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

antecedeu a decretação do Estado Novo em 1937. Sob sua responsabilidade foi elaborada a Lei de Segurança Nacional que passou a vigorar em abril de 1935 e instituiu sanções a jornais e emissoras de rádio em desacordo com o governo. Previa também a cassação de militares, além de ter promovido o fechamento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) sob a alegação de se tratar de organização comunista<sup>11</sup>.

A montagem da legislação de exceção que deu seqüência à Lei de Segurança Nacional, em fins de 1935, teve prosseguimento sob a chancela de Vicente Rao que decidiu pela criação, em 1936, da Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo. A comissão tornou-se responsável pelas prisões de Pedro Ernesto e Anísio Teixeira, respectivamente prefeito e secretário de Educação do Distrito Federal, além do jornalista Mauricio Lacerda, pai do futuro governador da Guanabara Carlos Lacerda, do coronel Filipe Moreira Lima e, mais tarde, de deputados e senadores do Grupo Parlamentar Pró-Liberdades Populares<sup>12</sup>.

A experiência de Rao com os aparatos repressivos não era recente. Embora por um breve período, atuara como chefe de Polícia em São Paulo, inicialmente sob as ordens do general Hastinfilo de Moura<sup>13</sup>, em seguida, sob orientação do interventor João Alberto Lins de Barros, com quem se desentendeu logo depois. Em sua curta gestão como chefe de Polícia, Rao demitiu todos os antigos titulares das principais delegacias do estado de São Paulo e nomeou, em substituição, membros fundadores do Partido Democrático, entre os quais Aureliano Leite, Paulo Duarte, Paulo Nogueira e Carlos Morais Andrade. Organizou, também, um corpo policial de emergência, constituído por estudantes da Faculdade de Direito. Em pronunciamento aos paulistas, conclamou a sociedade à “restauração da ordem” à “vitória da revolução”, ao mesmo tempo em que instituiu um “toque de recolher” velado, ao proibir “quaisquer ajuntamentos a partir das 20 horas” (DHBB, 4899).

<sup>11</sup> Frente política que se organizava em torno de uma plataforma democrática, ‘antiimperialista e anti-latifundiária’, incluía o Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Social Democrático (PSD) mas também sindicatos, entidades culturais e estudantis, em oposição declarada ao governo Getúlio Vargas.

<sup>12</sup> Grupo formado por 19 parlamentares em novembro de 1935 com o objetivo de assegurar as liberdades constitucionais e combater a Lei de Segurança Nacional e o avanço do Integralismo.

<sup>13</sup> O general Hastinfilo de Moura, comandante da 2ª Região Militar, assumiu por três dias apenas o governo de São Paulo, entre 25 e 28 de outubro de 1932. Ainda assim, organizou um secretariado integrado basicamente por elementos do Partido Democrático, entre os quais, além de Rao na chefia e Polícia, figuravam José Carlos de Macedo Soares, na secretaria do Interior, Plínio Barreto, na Justiça, Francisco Monlevade, Viçã, Henrique de Sousa Queirós, Agricultura.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Um estilo mais discreto de atuação conduziria Ernesto Leme a outros dispositivos repressivos e conspiratórios. Como reitor da Universidade de São Paulo, entre 1951 e 1953, alimentava com frequência a Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)<sup>14</sup> sobre as atividades políticas de professores como Mario Schenberg, Hildebrando da Silva, Motaury Alves. No entanto, em algumas circunstâncias, a discricção cedia vez à notoriedade. Tal se deu com o episódio envolvendo Oscar Niemeyer, declaradamente comunista, impedido em sua gestão como reitor de assumir a docência na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo<sup>15</sup>. Ernesto Leme deixou a reitoria da Universidade de São Paulo em fins de 1953 e logo em seguida, no início de 1954, assumiu o posto de embaixador brasileiro na Organização das Nações Unidas por indicação de Vicente Rao, pela segunda vez ministro de Getúlio Vargas<sup>16</sup>.

O suicídio de Vargas interrompeu em agosto de 1954 sua experiência diplomática em Nova York. Embora curta, a permanência na ONU representou, em certa medida, o ápice de sua vida pública, num momento em que estava próximo de completar 58 anos de idade. De volta ao Brasil, depois de exercer o cargo de embaixador do Brasil junto à ONU, reassumiu a docência na Faculdade de Direito e só ocuparia outra função pública em 1964, após o golpe militar, como Secretário de Justiça de São Paulo, na gestão de Adhemar de Barros. Entre o retorno da ONU e a indicação como Secretário de Segurança Pública - ou seja, entre 1955 e 1964 -, há poucos dados sistematizados acerca de suas atividades, mas uma consulta prévia ao seu arquivo pessoal reconduz o foco ao início desta exposição: presume-se que aquele tenha sido um período de intensa conspiração

---

<sup>14</sup> Remonta ao final de 1924 a criação de uma delegacia especializada em ordem política e social que funcionava no interior do gabinete de Investigações. Diversas reformas administrativas, transformaram o órgão sucessivamente em Superintendência, novamente delegacia e em 1945 com o decreto n. 14.845 tornou-se Departamento de Ordem Política e Social.

<sup>15</sup> Como reitor, Ernesto Leme estreitou vínculos com a repressão política em São Paulo, por meio de informes periódicos ao Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) acerca de atividades consideradas subversivas da parte de professores, alunos e funcionários. O registro dessa proximidade foi apontado em artigo publicado na Revista ADUSP, em abril de 1998, a partir de dados coletados junto aos arquivos do DOPS. A revista pode ser acessada pelo endereço [www.adusp.org.br/revista](http://www.adusp.org.br/revista) (Abril, 1988, Beatriz Elias).

<sup>16</sup> Entre 1934 e 1937, Vicente Rao foi Ministro da Justiça e dos Negócios do Interior, e Ministro das Relações Exteriores no segundo governo Vargas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A trajetória de Ernesto Leme durante o fechamento político do Estado Novo, em meio a ações federais que provocaram o ostracismo de São Paulo, a prisão e o exílio de muitos dos personagens com os quais se articulava e compusera no período imediatamente anterior, ainda é também relativamente obscura. Trata-se de um aspecto, entre vários outros, que merece ser aprofundado e para o qual a documentação depositada no *Fundo Ernesto Leme* oferece perspectivas de elucidação. Os registros por ora disponíveis indicam que, dada a conjuntura politicamente contrária a atuação no campo parlamentar, provavelmente tenha se voltado naquele período para a construção de uma carreira no interior da Universidade de São Paulo, circunstância na qual pode estabelecer e aprofundar vínculos com universidades portuguesas. Desse modo, em 1939 passou a integrar o Conselho Universitário e nos anos subsequentes manteve sua condição de conselheiro, além de assumir cargos de relevo na estrutura da Universidade, entre os quais a Reitoria, durante a gestão de Lucas Nogueira Garcez como governador do Estado, ele próprio um professor egresso da USP, mais especificamente da Escola Politécnica<sup>17</sup>.

Na seqüência, a trajetória de Pacheco e Silva revela outra frente de articulação conservadora a partir das ações institucionais do médico e psiquiatra paulista.

### **Pacheco e Silva: conexões médicas**

Formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1920, com especialização na Europa e Estados Unidos, o médico Antônio Carlos Pacheco e Silva é figura-chave na institucionalização da Psiquiatria em São Paulo. Sucessor em 1923 de Franco da Rocha na direção do Hospital do Juquery, fundador do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo em 1952, titular por cerca de quatro décadas da Clínica Psiquiátrica na Faculdade de Medicina-USP, acumulou a mesma função, por igual período, na antiga Escola Paulista de Medicina (EPM), atual Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

---

<sup>17</sup> Os vínculos entre Ernesto Leme e Lucas Nogueira Garcez se articularam também por outra rede de sociabilidades, ligada a grupos católicos conservadores que se organizavam em torno de sociedades fechadas, como a Ordem do Santo Sepulcro, sobre os quais também se encontram registros depositados no *Fundo Ernesto Leme* (CDAPH-USF).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Foi responsável pela criação do Serviço de Assistência Geral aos Psicopatas, na década de 1930, assim como do Manicômio Judiciário, no mesmo período.

De origem familiar fortemente enraizada na plutocracia paulista, Pacheco e Silva era neto dos Barões de Itatiba, pelo ramo paterno, e dos Barões de Araras, pelo ramo materno. Filho de Pérsio Pacheco e Silva, fazendeiro e cafeicultor da região de Campinas e de Escolástica de Lacerda Pacheco e Silva, seus vínculos familiares estavam solidamente vinculados na política local e nacional. Sobrinho do também médico Gabriel de Toledo Piza, embaixador do Brasil na França, seu contato com a Europa ocorreu muito cedo, ainda criança, e se estendeu ao longo de sua formação. Pacheco e Silva pôde, assim, conviver com os “esplendores” de Paris do início do século XX, nos momentos finais da “belle-epoque” francesa, conforme relatos deixados por ele.<sup>18</sup>

Por cerca de seis meses, logo após sua formatura no Rio de Janeiro, em 1920, Pacheco e Silva partiu para a França, onde cursou Especialização em Neurologia e Psiquiatria na Faculdade de Medicina de Paris. Na Clínica Charcot, no Hospital Salpêtrière, foi assistente voluntário do Prof. Pierre Marie, e atuou também no Hospital S.Anne.

---

<sup>18</sup> Uma boa descrição desta experiência encontra-se registrada em Freyre, conforme trecho transcrito a seguir: “Nascido em São Paulo em 1898, Antônio Carlos Pacheco e Silva confessa ter tido com os franceses, desde a infância, “a maior afinidade”. E explica: “Estive em Paris em várias épocas da minha vida. Na minha infância assisti ao *guignol* nos Campos Elísios, brinquei no Parque Monceau, compareci às feiras de Neuilly, presenciei as deslumbrantes paradas militares sob o Arco do Triunfo, fiz navegar veleiros em miniatura nos lagos do Jardim de Luxemburgo, percorri em bicicleta as alamedas do Bois de Boulogne, admirei, deslumbrado, os chafarizes gigantescos e o jôgo das águas do Palácio de Versailles nos dias de festas, participei de recepções na Legação Brasileira e frequentei a Escola Richelieu.” Mais: “[...] chorei, juntamente com a minha velha governante francesa, diante do túmulo de Napoleão, nos Inválidos”; “percorri, encantado, a Praça da Concórdia e as grandes pontes sobre o Sena; “assisti missas na Notre Dame e na Madeleine”; “subi à Torre Eiffel”; “caminhei através dos grandes *boulevards*, chupando *sucres d’orge*, ou comendo cerejas, levando pela mão lindos balões, cheios de gás, que recebia como brinde no Louvre e no Bom Marche, quando acompanhava minha Mãe nas compras”; “alimentei pardais e pombos no Jardim das Tulherias”; “distribuí pão às carpas dos lagos de Buttes Chaumont.” Isto nos primeiros anos do século XX. Dez anos depois, o paulista Antônio Carlos Pacheco e Silva voltou à Paris que conheceu menino: sobrinho do então Ministro do Brasil na França, Gabriel de Toledo Piza e Almeida, terrível inimigo do Barão do Rio Branco e “médico formado nos Estados Unidos”. Reviu Antônio Carlos aqueles lugares todos, conhecidos com olhos de criança, cheio de emoção: “sobretudo porque nada havia mudado.” E, agora rapaz, foi à Comédia Francesa, à Ópera, ao Odeon; seguiu conferências na Sorbonne; fez cursos na Escola de Medicina; frequentou laboratórios e hospitais. Ouviu lições de sábios: Babinski, Pierre Marie, Sicard, Dupré, Lhermitte, Foix, Lère, Dumas, Pierre Janet, Henri Claude ....”, conferir FREYRE, 1974, vol. 2, p. 639. Encontra-se no Museu Histórico cópia datilografada com uma versão expandida desse relato, sob a denominação “Minha Mocidade”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Estendeu seu período de estudos na Europa e estagiou Suíça, com Bleuler e Manokow, e na Alemanha com Kraepelin, figuras centrais na Psiquiatria européia.

De volta ao Brasil, ingressou no Hospital do Juquery como assistente, em 1920. No ano seguinte, 1921, foi nomeado médico anatomo-patologista e assumiu a organização do Laboratório de Biologia e Anatomia Patológica. Neste laboratório, seriam desenvolvidas pesquisas relativas ao estudo do cérebro, mais especificamente a investigação das bases biológicas das patologias psiquiátricas. Uma carreira em rápida ascensão o conduziu, em 1922, para a direção do “Pavilhão de Menores Anormaes”, divisão do Hospital do Juquery que recebeu mais tarde a denominação de “Pacheco e Silva”, em sua homenagem. Pouco depois, em março de 1923, com a idade de 25 anos, assumiu a direção do Juquery por indicação de Franco da Rocha, que havia criado a instituição em 1898 e a dirigido desde então. Aos 58 anos e acometido por moléstias que o obrigavam a reduzir as atividades profissionais, Franco da Rocha deixou aos encargos de seu escolhido uma instituição com cerca de 1600 internos. A quantidade de internos continuou a crescer e, ao longo de sua existência, o Hospital do Juquery logrou alcançar a condição de “maior manicômio da América Latina”.<sup>19</sup>

Em 1926, na condição de diretor desse hospital, Pacheco e Silva viajou para os Estados Unidos com o objetivo de estudar a organização da assistência aos Psicopatas, tendo em vista a criação do Manicômio Judiciário, construído em 1927 sob sua direção. A partir de 1924, passou a editar as “Memórias do Hospício de Juquery”, publicação que manteve até 1935. Aproximadamente no mesmo período, entre 1928 e 1930, editou também os “Arquivos Paulistas de Higiene Mental”. Em 1930, no contexto da ampla difusão dos fundamentos psiquiátricos e da organização de instituições na área, Pacheco e Silva assumiu a criação do órgão de Assistência Geral dos Psicopatas do Estado de São Paulo que manteve sob sua superintendência. Ainda em 1930, foi nomeado presidente da Comissão de Assistência Social do Estado de São Paulo.

---

<sup>19</sup> Conferir MASIERO (2003).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Ao lado da extensa trajetória acadêmica, científica e institucional, o médico Pacheco e Silva desenvolveu também uma breve atuação político-partidária ao longo década de 1930, quando foi eleito deputado para Assembléia Constituinte Nacional, no período de 1933 e 1934 e posteriormente, em 1946. Em 1935, atuou como deputado à Assembléia Constituinte Estadual. Ao longo desse período, atuou no Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo, sucessivamente, como membro, vice-presidente e presidente do órgão. Assumiu em 1932 e 1933 a cadeira de Psiquiatria Forense na Faculdade de Direito. Depois, em 1935, transferiu-se para a Cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, na qual efetivou-se por concurso em 1936. No ano seguinte, com a promulgação da Constituição de 1937, e em razão da determinação na legislação federal que restringiu o exercício de cargos públicos em duplicidade, a chamada “lei de desacumulação”, o médico Pacheco e Silva deixou a direção do Hospital do Juquery para manter a cátedra na Universidade de São Paulo, onde permaneceu até o a aposentadoria compulsória, em 1968.

Na área acadêmica, Pacheco e Silva tornou-se também catedrático de “Serviços Sociais” na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Na década de 1940, criou o “Instituto Pacheco e Silva” em sua clínica particular. A partir dela, expediu inúmeros pareceres e laudos psiquiátricos, em sua maioria envolvendo disputas amparadas em pedidos de interdição de membros de família bem-postas da sociedade paulistana, em casos de herança, sucessão e guarda de menores. Uma boa parte desses laudos, com material extremamente detalhado, encontra-se no acervo que compõe o Fundo Pacheco e Silva depositado no *Fundo Pacheco e Silva* do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (MH-FMUSP).

Anos mais tarde, em especial a partir da década de 1950, Pacheco e Silva estabeleceu também vínculos duradouros com o Exército Nacional, na órbita da Escola Superior de Guerra. Embora afastado da atuação partidária, o alinhamento político-ideológico ultra-conservador de Pacheco e Silva esteve claro em seus pronunciamentos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

públicos, bem como no âmbito restrito, em suas práticas científicas e na trajetória institucional.<sup>20</sup>

### **Zeferino Vaz: a vertente “modernizadora”**

Nascido em São Paulo em 1908, filho do comerciante português José Vaz, grande atacadista de cereais e um dos fundadores da Cooperativa Agrícola de Cotia e da Bolsa de Cereais de São Paulo. Primeiro reitor da *Universidade Estadual de Campinas* (Unicamp), cargo que ocupou por cerca de doze anos, Vaz foi uma das figuras centrais no processo de organização, implantação, e consolidação dessa e de outras instituições, entre as quais se encontram a *Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo* em Ribeirão Preto, considerada um marco na ciência médica brasileira.

Zeferino ingressou na *Faculdade de Medicina de São Paulo* em 1926. Formou-se em 1931 e obteve o título de doutor em Ciências em 1932. Ao ingressar na escola no ano em que reformas introduzidas pela *Fundação Rockefeller* implantaram o tempo integral, a limitação de vagas e a pesquisa laboratorial nas disciplinas pré-clínicas. Zeferino beneficiou-se do contato com figuras de grande importância para a pesquisa científica no país, entre os quais o helmintologista Lauro Travassos. Travassos foi contratado em março de 1926, junto com Cesar Pinto, ambos do Instituto Oswaldo Cruz, pelo período de dois anos para a cadeira de Biologia Geral e Parasitologia, em substituição a Celestino Bourroul e Oscar Monteiro de Barros.

---

<sup>20</sup> Major médico da Reserva, realizou curso de formação pela Escola Superior de Guerra (ESG) no Rio de Janeiro em 1958 e de Atualização na Escola Superior de Guerra em 1978. Após o golpe de Estado de 1964, compôs a sustentação civil ao regime de exceção: tornou-se ativo conferencista da do complexo ESG-ADESG (Escola Superior de Guerra e Associação dos Diplomados pela Escola Superior de Guerra) e atuou na linha de frente do “Fórum Roberto Simonsen”. Promovido pela Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP), o fórum constituía-se como uma frente civil de articulação e propaganda do regime militar, com assumido caráter anticomunista. Além dos vínculos políticos explicitamente conservadores, Pacheco e Silva encontrava-se também alinhado ao *mainstream* da Psiquiatria e Neurologia em sua face internacional. Participou com destaque em diversos congressos internacionais de Neurologia, Psiquiatria, Saúde mental e Criminologia na Argentina, Alemanha, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Dinamarca, EUA, Espanha, França, Itália, Inglaterra, México, Peru, Portugal, Suécia, Suíça, Venezuela, na condição de expositor, relator, vice-presidente ou presidente. Presidiu a Federação Mundial para a Saúde Mental, em 1960. Em sua ampla atuação institucional, fundou e dirigiu a Associação Psiquiátrica de São Paulo em 1962. Participou em 1965 da criação, e subseqüentemente presidiu, a Associação Psiquiátrica Brasileira, a Liga Paulista de Higiene Mental e a Academia Paulista de Medicina. Foi também presidente do Instituto para o Desenvolvimento da Organização Racional do Trabalho (IDORT), do Sindicato dos Médicos em 1951, da Aliança Francesa e fundador e presidente da União Cultural Brasil-Estados Unidos, além de membro do Conselho de Peritos em Saúde Mental/OMS.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## Referências Bibliográficas

- ABREU, Sérgio França de Adorno. *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira*. apres. por Célia Galvão Quirino. orelha por Paulo Sérgio Pinheiro. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1988, 268p.
- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. *A universidade da comunhão paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982, 192p. (Col. Educação contemporânea: série: memória da educação)
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial*. orelha por Margarida de Souza Neves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 462p.
- CARVALHO, Rosana Maria. *Ernesto Leme e a Reitoria da Universidade de São Paulo. Uma análise preliminar da gestão*, Itatiba, 2006 (dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade São Francisco)
- CAPELATO, Maria Helena. *O movimento de 1932: a causa paulista*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, [1ª ed. 1981], 96p. (Col. Tudo é história, 15)
- CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989, 264p.
- DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO (DHBB), Rio de Janeiro: FGV, 2002, 6252p. (5 vols.). Coord.: ABREU, Alzira Alves de; BELOCH, Israel; LATTMAN-WELTMAN, Fernando e LAMARÃO, Sérgio Tadeu N. (coords.) *et alii*.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe*. 3ª ed. trad. do inglês [*State, class and the organic elite: the formation of an entrepreneurial order in Brazil (1961 - 1965)*] por Ayeska Branca de Oliveira Farias, Ceres Ribeiro Pires de Freitas, Else Ribeiro Pires Vieira (sup.) e Glória Maria de Mello Carvalho. rev. téc. por René Armand Dreifuss. Petrópolis: Vozes, 1981, 816p.
- DULLES, John W. Foster. *A Faculdade de Direito de São Paulo e a resistência anti-Vargas (1938-1945)*. trad. do inglês [?] por Vanda Mena Barreto de Andrade. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/Ed. da USP, 1984, 380p. (Col. Brasil século 20)
- GOMES, Angela Maria de Castro (org.) *et alii*. *Capanema: o ministro e seu ministério*. orelha por Simon Schwartzman. Rio de Janeiro/Bragança Paulista: Fundação Getulio Vargas/Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH)/USF, 2000, 276p. [c/ bibl.]
- LACERDA, Carlos. *Depoimentos*. pref. por Ruy Mesquita. org. do texto, notas e seleção de documentos Cláudio Lacerda Paiva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, 472p. ilus. (Col. Brasil século 20)
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando (planej. e coord. Internet) *et alii*. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: FGV in <http://www.cpdoc.fgv.br>
- LEME, Ernesto. "A Revolução Constitucionalista de 32" in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: (71): 1974
- LEME, Ernesto de Moraes. *A casa de Bragança: memórias*. pref. por Brasil Bandecchi. 4ª capa por Hernani Donato. São Paulo: Parma, 1981, 134p.
- LEME, Ernesto de Moraes. *A casa de Bragança II: capítulos de um livro de memórias*. São Paulo: ELF Comunicações, 2003, 102p.
- LEVI, Darrell E. *A Família Prado*. São Paulo, Cultura 70, 1977.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- LOSSANO**, Aparecida Casseb. *Ernesto Leme, trajetórias e inserções político-partidárias nos anos 20-50* Bragança Paulista, 2003 (dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade São Francisco).
- MENDONÇA**, Carlos Vinicius Costa de. *O Cometa Rao: brilho, luz e escuridão na década de trinta (1930-1937)*. FFLCH-USP, dissertação de mestrado, 1994
- MOTTA FILHO**, Cândido. *Contagem regressiva: memórias*. nota por Afonso Arinos de Melo Franco. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1972, 322p. (Col. Documentos brasileiros, 150)
- MOTTA FILHO**, Cândido. *Dias lidos e vividos: memórias/2*. pref. por Josué Montello. orelha por Barbosa Lima Sobrinho, Otto Lara Resende e Nelson Motta. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio/Instituto Nacional do Livro (INL)/Ministério da Educação e Cultura (MEC), 1977, 306p. (Col. Documentos brasileiros, 174)
- NADAI**, Elza. *Ideologia do progresso e ensino superior: São Paulo 1891-1934*. pref. por Maria de Lourdes Monaco Janotti. São Paulo: Loyola, 1987, 280p. (Col. Educar, 6)
- PEREIRA**, Maria Cristina Nascimento. *Trajetória e política institucional em arquivos pessoais: uma análise do Fundo Ernesto Leme*, Itatiba, 2007 (dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade São Francisco)
- PRADO**, Lígia Coelho. *A Democracia Ilustrada*. (O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934). SP, Ática, 1986.
- RUFINO**, Almir Gasquez e **PENTEADO**, Jaques de Camargo (orgs.) *et alii. Grandes juristas brasileiros, livro II*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 446p. (Col. Justiça e direito)
- VIEIRA**, Hermes & **SILVA**, Oswaldo. *História da Polícia Civil de São Paulo*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955, 421p (Col. Brasileira n. 283).